

A fotografia como metodologia didática na (re)construção da representação social do semiárido brasileiro¹

Lorena Santiago SIMAS²
Carla Conceição da Silva PAIVA³
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo é fruto das primeiras descobertas de uma pesquisa de mestrado que pretende investigar as possibilidades do uso da fotografia como metodologia didática, entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto, na (re)construção da representação social do semiárido brasileiro. Partindo do pressuposto de que a fotografia auxiliará na percepção do estudante sobre a região em que vive, possibilitando novos olhares e a (re)construção de uma nova representação social local.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; representação social; semiárido brasileiro; educomunicação.

INTRODUÇÃO

A Representação Social (RS) é construída quando um grupo de indivíduos tem a mesma concepção sobre determinado objeto e transforma essa ideia em imagem que será trabalhada, de modo a torná-la familiar para o maior número de pessoas, que passam a tê-la como imagem verdade. Porém, muitas vezes, essa RS não corresponde à realidade, pois foi constituída a partir de determinados ideais e objetivos que fogem do contexto real. A RS do semiárido brasileiro é um exemplo desse discurso imagético distorcido, que se prende a figura da seca, vegetação pobre, escassez de água e miséria como características principais dessa região, deixando de lado, a pluralidade da fauna e da flora, as belezas naturais e o potencial econômico que vem sendo desenvolvido na localidade.

Transformar a RS de um objeto não é tarefa fácil, pois a imagem construída já está impregnada na mente das pessoas. Para que ocorra essa mudança, é necessário apresentar novos significados sobre o elemento, de modo que os indivíduos se identifiquem com ele. Para alcançar essa transformação, a fotografia se apresenta como uma metodologia que

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Mestranda do Programa de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da UNEB, bolsita da Fapesb, email: lory-santiago@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da UNEB, email: ccspaiva@gmail.com

possibilita a formação de novos olhares sobre o objeto retratado, (re)construindo a representação social.

A fotografia, na maioria dos casos, não precisa de tradução, já que se difere de outras linguagens por ser aberta para diversas interpretações, tendo o poder de despertar a sensibilidade, e desenvolver a prática do novo olhar sobre o “velho”, permitindo ainda o autoconhecimento e o reconhecimento do mundo. A educomunicação, a qual também propomos como metodologia didática, evidencia a produção dos saberes, a partir das vivências dos educandos. (BUENO, 2013). Proporcionando que eles conquistem autonomia para multiplicar seus conhecimentos e (re)construir representações sociais.

Nesse sentido, este artigo pretende apresentar a metodologia utilizada para investigar as possibilidades do uso da fotografia como metodologia didática, entre os estudantes de ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomanto (C.E.H.L), na (re)construção da RS do semiárido brasileiro. Para tanto, inicialmente estudaremos as relações entre a fotografia e a educação, potencializando seu uso como metodologia didática no ensino médio. Em seguida, realizaremos oficinas educomunicativas com os jovens do C.E.H.L, problematizando as concepções de território semiárido, a partir da fotografia, e analisando as percepções dos estudantes sobre o semiárido brasileiro por meio de discussões e das fotografias produzidas por eles. Por fim, produziremos uma exposição fotográfica sobre a RS do semiárido brasileiro, especificamente em Juazeiro-BA, a partir dos olhares dos estudantes do C.E.H.L, como resultado das referidas oficinas.

Breve reflexão sobre a teoria da Representação social

O conceito da teoria da representação social foi desenvolvido pelo psicólogo francês, Serge Moscovici (1961), a partir de uma releitura do conceito epistemológico de representação coletiva do sociólogo alemão Émile Durkheim (1895). Moscovici (1961) apresentou essa expressão, pela primeira vez, em seu estudo sobre RS e psicanálise, na década de 50, do século XX, onde propôs mostrar a inseparável ligação entre indivíduo, grupo e sociedade; e evidenciar que, quando uma teoria complexa passa a ser difundida em determinada cultura, tornando-se componente da realidade cotidiana, ela se transforma em uma representação social autônoma.

Assim como declara Moscovici (2001, p, 45), ao afirmar que “... estudar a difusão dos saberes, a relação pensamento/comunicação e a gênese do senso comum constituía elementos de um programa que se tornou familiar desde então”, a RS implica na construção

de percepções dos indivíduos sobre os diversos espaços, onde o objeto novo passa por processos sociais e comunicativos, se fazendo compreender pelo senso comum. As RS, portanto, permitem que os indivíduos transformem uma realidade estranha em familiar; guiam a ação social; e justificam as decisões, posições e condutas adotadas diante de um evento.

Existem três motivos pelos quais construímos representações sociais acerca de determinados objetos: a pressão à inferência, ou seja, obrigação de se comunicar; a focalização, que se refere à desigualdade de interesse dos sujeitos em relação ao objeto e apropriação de conhecimento; e, por último, a defasagem e dispersão de informação, que prioriza o acesso à informação sobre o objeto (SANTOS, 2005). De certa forma, percebemos que todos os três motivos estão envolvidos em torno da comunicação.

A RS consiste ainda no resgate do social, onde o senso comum expressa o seu pensamento, no qual o sujeito se relaciona com o objeto (pessoa, ideia, evento social ou natural), através de operações mentais como memória e percepção, substituindo o objeto por um símbolo, que se fará presente, quando o objeto estiver ausente, e ficará representado, simbolicamente, na mente dos indivíduos. É importante ressaltar que a RS não é uma reprodução do objeto, pois implica na sua transformação ou construção. Assim, como destaca Jodelet (2001, p. 35), “quando a novidade é incontrolável, à ação de evitá-la segue-se um trabalho de ancoragem, com o objetivo de torná-la familiar e transformá-la para integrá-la no universo de pensamento preexistente”.

Para a construção das representações sociais, dois processos foram corroborados por Moscovici (1961) e discutidos por diversos autores: a objetivação e ancoragem. A primeira é composta por três fases: construção seletiva que seleciona, descontextualiza e simplifica o objeto; esquematização, responsável pela estruturação das relações dos elementos da representação; e naturalização que alcança a materialidade, onde o abstrato torna-se concreto através de imagens. E a ancoragem incide no processo de assimilação do novo ao que já existe.

O processo de objetivação e ancoragem são facilitados pela comunicação. Jodelet (2001, p. 29-30) afirma que “a comunicação desempenha um papel fundamental nas trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual”, portanto comunicação e RS são inseparáveis. A comunicação social possibilita a determinação das representações sociais e do pensamento, em seus aspectos inter-individuais, institucionais e de mídia. Para isso, ela se apresenta em três pontos básicos: 1º. transmissão da linguagem;

2º. construção dos aspectos estruturais e formais do pensamento social; e 3º. formação das representações.

De acordo com as concepções apresentadas, podemos entender como se constrói o discurso imagético do objeto; se os indivíduos se reconhecem a partir da imagem criada; e como transformar essa representação social. A fotografia se apresenta como uma metodologia capaz de identificar e modificar a RS de determinado objeto, já que possibilita a construção de novas concepções, novas imagens sobre lugares, objetos, etc.

A fotografia por vários olhares ou por uma nova representação social do semiárido brasileiro

As imagens são fáceis de compreender e acessíveis a toda gente. Segundo, Pina (2014), na comunicação visual, nada é narrado pela presença do autor/autora, as leituras e interpretações serão realizadas pelas pessoas que tenham acesso a determinada representação imagética. Essa autora conclui também que a principal particularidade da fotografia seria o fato dela se dirigir à emotividade, o que, conseqüentemente, não deixaria muito tempo para a reflexão nem para o raciocínio, como é no caso de um texto ou conversa.

A fotografia já é algo essencial em nossas vidas; é a prova incontestável de que algo aconteceu, um documento verdade. No início, tirar fotos não era tarefa fácil; apenas seus inventores manuseavam a máquina por se tratar de um aparelho grande. Com sua industrialização, a câmera tornou-se um aparelho acessível; e a fotografia, um objeto de arte, com intuito de transmitir o fato e registrar momentos da sociedade, que só se registram uma vez.

Villém Flusser (1985) reconhece a importância da fotografia na sociedade e percebe que, cada vez mais, ela está conquistando espaços e se modificando em decorrência dos avanços tecnológicos, podendo ser utilizada em inúmeros campos. Agora, as imagens podem ser armazenadas em computadores e circulam pela internet livremente, expandindo-se por diversos dispositivos midiáticos. A popularização tecnológica e o trabalho como comunicação e educação já era pensado por Paulo Freire (1996), na década de 1970, que defendia a necessidade de conhecer as experiências estudantis extraescolares e as idiosincrasias proporcionadas pela expansão dos meios de comunicação.

Nesse contexto, as fotografias se destacam por serem símbolos conotativos que permitem diversas leituras sobre uma mesma imagem, que precisa ser decifrada e por apresentarem como objetivo descrever algo, individual ou coletivo, e/ou expressar uma história, seja ela cultural, social, familiar etc. Assim, pensando em refletir sobre as imagens que são produzidas do semiárido brasileiro e em modificar a sua RS, a partir do olhar dos estudantes, a fotografia se apresenta como matéria inspiradora de práticas educativas, pois possibilita interpretações diversas do que foi retratado, leituras múltiplas de uma única imagem.

De acordo com Gomes e Silva (2013):

(...) a imagem é uma ferramenta mediadora do conhecimento, da aprendizagem significativa e da percepção e apreensão de sentidos reais e concretos. A fotografia, por seu turno, é a retratação visual dos discursos muitas vezes os mais silenciados e os que mais produzem sentido (p.6).

A partir da leitura da imagem, da fotografia, é possível interpretar a vida cotidiana, perceber a retratação social do contexto local. A cultura visual através da fotografia proporciona um novo olhar em volta das implicações sociais que muitas vezes não “enxergamos” a olho nu, momento em que se mostra necessária à utilização da lente de uma câmera para percebermos e interpretarmos o que sempre esteve ao nosso lado. Para Sontag (2004, p.13) “[...] ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar”.

Encontramos, portanto, na imagem fotográfica a possibilidade de mudar a representação social construída sobre o semiárido brasileiro estereotipado, que, cotidianamente nos meios de comunicação e nos livros didáticos, se resume ao chão rachado, tanques que serviam como reservatório de água e hoje estão vazios, pessoas pobres, descalças, sem ter o que beber (Figura 1). Local em que predomina uma vegetação sem vida, onde muitos animais morrem em decorrência da falta de água e comida (Figura 2).

Segundo Albuquerque Júnior (1999), essas construções imagéticas sobre o que hoje conhecemos como semiárido, parte integrante da região nordeste, que também é expressa como ‘sertão’, vem sendo pensada e estruturada desde o século XIX, a partir de uma proposta de hegemonização que se concretiza exatamente na instituição de um imaginário social, que circunscreve, dentro de uma lógica de unidade, todo o espaço regional em função de uma perspectiva política. Essa ideia de nordeste, sertão e semiárido se apresenta,

portanto, como uma construção elaborada historicamente, através de práticas regulares de produção de textos e imagens repetidas que se ancoraram, principalmente, na obra “Os sertões” de Euclides da Cunha, produzida em 1902 e no Congresso Regionalista de 1930.



Figura 1: Foto divulgação
Fonte:
<http://onguniserra.blogspot.com.br/2013/10/seca-do-semiarido-nordestino-e-pior-dos.html>



Figura 2: Foto divulgação
Fonte:
<http://www.carlosmagno.com.br/noticias/1353948848.html>

Acreditando que o Semiárido Brasileiro (SAB) é muito mais do que esse discurso imagético representa por possui uma diversidade ecológica, múltiplas culturas, saberes e costumes, propomos a (re)construção da representação social dessa região e uma nova práxis educacional, através do uso da fotografia como geradora e produtora de discursos, auxiliando na percepção dos estudantes sobre o local em que eles vivem. Por sua natureza, essa proposta se enquadra com os principais ideais de uma educação contextualizada e sua proposta de uma nova concepção, um novo olhar sobre o semiárido brasileiro.

O semiárido brasileiro e a proposta de educação contextualizada

O SAB já foi cartografado várias vezes, pois as delimitações do território buscam atender a natureza e a interesses políticos, como já mencionamos, e costuma menosprezar todos os seres da região. Em 1936, por exemplo, as áreas com características climático-ecológicas do semiárido foram incorporadas em um grupo denominado “Polígono das Secas”. Já, com a seca de 1958-1959, foram criados o Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que iriam atuar de forma diferente sobre o semiárido. Após a Sudene assumir a região, a demarcação desse polígono foi mantida até 1989, quando surgiu a designação semiárido.

Segundo Carvalho (2012), “O semiárido da Sudene teve suas cartografias alteradas várias vezes incluindo e excluindo municípios segundo Leis e Decretos Federais em vigor”. A demarcação atual data de 2004, quando a coordenação da Agência de Desenvolvimento do Nordeste (Adene) assumiu os trabalhos da antiga Sudene e criou o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para redelimitar a área geográfica de abrangência das secas. Seguindo os critérios técnicos, propostos pelo GTI, a delimitação atual adotou os seguintes padrões:

Precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 mm; Índice de aridez de até 0,5 calculado pelo balanço hídrico que relaciona as precipitações e a evapotranspiração potencial no período entre 1961 e 1990; Risco de seca maior que 60%, tomando-se por base o período entre 1970 e 1990. (CARVALHO, 2012, p.74)

Dessa forma, o novo semiárido brasileiro é constituído por 1.133 municípios, dos quais 1.031 se enquadram nos três critérios estabelecidos. O SAB é formado, portanto, por nove estados Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. A natureza dessa região é definida pelo ciclo de tempo seco e tempo chuvoso, onde existe a capacidade de convivência entre a vegetação da Caatinga e o clima, e onde as plantas, como alega Carvalho (2012, p. 79), “desenvolvem uma adaptação genética, reduzindo seu crescimento, floração e frutificação em anos/períodos de menor precipitação, mantendo a existência vegetativa”, e quando a umidade aumenta, elas voltam a germinar, e o cenário seco transforma-se em verde. Além de uma vegetação que se adéqua ao clima e um extenso território, o semiárido possui grandes unidades de paisagens como: Chapadas Altas; Superfícies Dissecadas dos Vales do Gurguéia, Parnaíba, Itapecuru e Tocantins; Superfícies Retrabalhadas; Chapada Diamantina; Superfícies Cársticas; Planalto da Borborema; Bacias Sedimentares; Maciços e Serras Baixas; Áreas de Dunas Continentais e Depressão Sertaneja, onde está localizada Juazeiro (CARVALHO, 2012).

Toda essa região semiárida também é conhecida como sertão, porém diferente do SAB que possui uma delimitação territorial, o sertão não é um espaço cartografado, e sim, uma categoria simbólica e polissêmica, situada no limite entre ficção e realidade (CARVALHO, 2012), representado pela seca, miséria, atraso, natureza hostil e população desprovida de inteligência, construindo um discurso-imagético estereotipado sobre a região.

É importante ressaltar que os signos estereotipados impostos como representação do sertão e/ou do semiárido brasileiro, que tem a seca como principal responsável pelas mazelas regionais, não deve ser combatida como muitos acreditam. Destacamos aqui, que a

seca é um fenômeno climático e cíclico, portanto não se pode extinguir um elemento da natureza, mas é possível aprender a conviver com esse período de estiagem.

Refletindo sobre a questão da convivência com a seca, algumas ONGs, a Igreja Católica e Sindicatos Rurais criaram movimentos, e propostas políticas de convivência que passaram a ser construídas gradativamente, dentre o período de 1970 a 1990.

As experiências e ações dessas organizações eram voltadas para gerar alternativas produtivas com culturas mais resistentes às estiagens, adaptações tecnológicas para a criação, fortalecimento das comunidades e organizações de agricultores familiares (CARVALHO, 2012, p. 119).

Dentre as organizações que criaram ações voltadas à convivência, podemos citar a Comissão Pastoral da Terra (CPT-Sertão), no semiárido paraibano; o Movimento de Organização Comunitária (MOC), em Feira de Santana, na Bahia; e o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), na cidade de Juazeiro, também na Bahia. Entre 1980 e 1990, a ideia de experiências e práticas de convivência contrapõe a política do “combate à seca”, que realizava ações pontuais e assistencialistas. E, ao longo dos anos de 1990, a convivência passa a ser adotada como uma sugestão para o “Nordeste Semiárido”, objetivando construir uma “identidade de projeto” no semiárido (CARVALHO, 2012).

Ainda de acordo com Carvalho (2012, p. 121), essa transformação trouxe “uma nova base política para tratar a proposta da Convivência dentro das diretrizes e políticas públicas nacionais e não mais atreladas às políticas para a região Nordeste”, dessa forma, o semiárido ganhou proporções e conjecturas políticas oportunas as suas características. A partir dessas questões, várias redes foram se constituindo, almejando articular e mobilizar os diversos atores sociais, como exemplo, podemos citar a Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA), que atua na gestão e no desenvolvimento de políticas voltadas a convivência com o semiárido. E a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB), criada no ano de 2000, que luta pela Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro (ECSAB).

Essa ideia da implementação de uma educação contextualizada no ambiente escolar, já vinha sendo discutida por algumas instituições, pouco antes da criação da Resab. Organizações não governamentais, secretarias e algumas universidades se reuniam para debater sobre as experiências de educação contextualizada e desenvolver metodologias para fazer a escola conectar-se ao cotidiano e as problemáticas locais (CARVALHO, 2012), levando para dentro da sala de aula, conteúdos relacionados à realidade dos estudantes. Essa

prática se apresenta como uma alternativa para aproximar escola e comunidade, onde os professores utilizam elementos da realidade local em suas técnicas de ensino.

Esse novo paradigma de ensino contextualizado prioriza as questões da vida dos sujeitos, os pensamentos, as culturas, as problemáticas e as potencialidades do contexto local (REIS, 2011), pois a educação deve levar em consideração as singularidades de cada lugar, mas para isso, é necessário o desapego dos valores impregnados no sistema de educação e nos professores. Essas práticas podem ser articuladas com a educomunicação que também objetiva garantir que os sujeitos sociais tenham a possibilidade de expressar-se, utilizando meios como o rádio, o vídeo, o jornal, a internet, a fotografia, etc.

Fotografia como metodologia didática: uma nova proposta de práxis educomunicativa

A fotografia pode auxiliar no nosso modo de ver o mundo; na pesquisa do cientista; na averiguação do investigador; e por que não na aprendizagem do aluno? Freire (1996) destaca que o ambiente escolar é um espaço primordial para a aprendizagem e a reflexão, por isso mesmo não podemos fechar nossos olhos para as transformações midiáticas, devendo alargar os horizontes pedagógicos. Nesse contexto, a fotografia é uma forma de expressão, que comunica, informa, e está presente de forma intensa na vida dos jovens, que “necessitam” registrar todos os momentos, sendo capaz de estimular a interação dos sujeitos com o meio em que vivem de maneira criativa e atraente, podendo despertar sentimentos e causar mudanças de concepções sobre o fator pesquisado.

De acordo com Santana e Moura (2014), fazer uma imagem é

(...) um momento único, onde a realidade do meio é representada no ângulo que o fotógrafo deseja transmitir. O trabalho do fotógrafo permite que cada indivíduo que realiza a leitura da imagem através dos detalhes e do próprio conhecimento, faça a sua leitura particular do fenômeno observado (p. 104).

Dessa forma, cada fotógrafo e cada observador possuirá um olhar diferenciado sobre a construção de uma imagem e sobre a interpretação da mesma que prende a sua atenção, provocando uma reflexão sobre a cena retratada e possibilitando discussões construtivas que partem do subjetivismo do olhar. Percebemos, então, que o emprego da fotografia como metodologia didática pode auxiliar na obtenção de conhecimento, na melhor comunicação, na constituição de um pensamento crítico, na relação grupal e também na (re)construção das representações sociais, nesse caso, da RS do semiárido brasileiro. Para isso, realizaremos algumas oficinas de leitura crítica das imagens e produção de fotografia

no contexto escolar, com os estudantes da 1ª e 2ª séries do ensino médio do Colégio Estadual Hildete Lomando, na cidade de Juazeiro, intercalando momentos de discussões sobre o discurso imagético atribuído ao semiárido brasileiro com saídas fotográficas nas quais os participantes observaram a paisagem e construíram a representação social da região a partir de seus olhares.

A ideia desta pesquisa, que se constitui como uma investigação de natureza qualitativa, é estudar as relações entre a fotografia e a educação como metodologia didática no ensino médio. A proposta nasceu a partir de um estudo anterior sobre a representação da região do semiárido brasileiro produzida por um grupo de fotógrafos que moram na cidade de Juazeiro-BA e Petrolina –PE. Na primeira fotografia selecionada desse grupo, por exemplo, de Johnnis Alves, foi feita na 17ª Jornada Fotográfica, realizada na Orla de Juazeiro, Bahia (Figura 3).



Figura 3: 17ª Jornada Fotográfica realizada na Orla de Juazeiro, Bahia
 Fonte: <http://www.jornadasfotograficas.com.br/017/>

A partir do enquadramento da fotografia, verificamos parte da Orla de Petrolina-Pernambuco, cidade vizinha, e podemos observar o Rio São Francisco, fonte de vida, renda e lazer da população moradora do Vale do São Francisco e cidades circunvizinhas. Também notamos a presença de uma vegetação verde, que assim como as águas do rio quebram o paradigma de que o semiárido é apenas seca e falta d'água. Em segundo plano, avistamos os grandes prédios, mostrando que, apesar de estar localizada no semiárido, a cidade de Petrolina não está dissociada do crescimento urbano, onde a procura por imóveis nessa região é alta, fazendo com que os preços se elevem cada vez mais, mostrando dessa forma, que está inserida nas transformações das cidades. A presença do Jet Ski, em primeiro plano, também evidencia que no semiárido, não existem apenas pobres e desfavorecidos, mas também pessoas com maior poder aquisitivo que escolhem essa região para morar e se

divertir. O céu azul da fotografia parece bem mais limpo do que em muitas cidades metropolitanas e a luminosidade do sol irradia a alegria presente no cotidiano do povo sertanejo.

A segunda fotografia, de Marcus Ramos, coordenador do Jornadas do Vale do São Francisco foi feita durante a 15ª Expedição, na Cachoeira dos Payayás, localizada no município de Saúde, na Bahia. No primeiro plano dessa imagem, observamos uma água cristalina, onde é possível ver a terra e algumas pedrinhas no fundo. Em segundo plano, temos uma água com coloração mais escura, que evidencia a profundidade do local. E ao terceiro e último plano, avistamos um paredão de rochas que mesmo com a sua dureza não impedem que a vegetação predominantemente verde se desenvolva.



Figura 4: 15ª Jornada Fotográfica realizada na Cachoeira dos Payayás, em Saúde, Bahia

Fonte: <http://www.jornadasfotograficas.com.br/015/>

A partir dessa imagem (Figura 4), percebemos a diversidade ecológica existente na região semiárida, que possui riquezas naturais como a Cachoeira dos Payayás que com uma vegetação exuberante, e água límpida, encanta todos que a visitam. Apesar do difícil acesso, o local recebe várias visitas nos finais de semana, por pessoas que gostam de aventura e de relaxar perante as belezas naturais e o ar puro que esta cachoeira oferece.

As oficinas para as feitura das fotografias se darão a partir dessa perspectiva analisada nas fotos produzidas pelo grupo de jornadas fotográficas, ressaltando a diversidade espacial e a pluralidade cultural existente no SAB, especialmente, na região de Juazeiro e adjacências. A prática educacional será diferente por promover uma leitura crítica sobre as imagens produzidas referentes ao semiárido brasileiro presentes nos livros didáticos utilizados na escola e nos meios de comunicação, em matérias jornalísticas, novelas e documentários com as produções fotográficas realizadas na cidade de Juazeiro-BA, pelos próprios estudantes, problematizando as concepções de território semiárido.

É importante destacar que partiremos da compreensão que a educação é considerada uma teia de relações; formadora de ecossistemas e inclusões (onde todos

devem se sentir parte do processo); democrática (reconhecendo a igualdade entre as pessoas envolvidas); midiática (já que faz mediações, valorizando a utilização de recursos da informática); e criativa (porque sintoniza com toda forma de manifestação cultural) (SOARES, 2011). Dessa forma, a educomunicação se volta para o planejamento de uma ação de pessoas dentro de um ecossistema, garantindo que os sujeitos sociais envolvidos tenham a possibilidade de expressar-se de igual maneira.

A educom se apresenta também como um grande paradigma, expondo a ideia de que é possível que a aprendizagem seja construída em conjunto, pois todos nós temos o que socializar, deixando de lado a concepção da educação hegemônica, onde a comunicação é centrada no educador, e apenas alguns estudantes têm a oportunidade de serem ouvidos. Os sujeitos inseridos no universo escolar precisam se sentir produtores desse conhecimento, por isso é essencial que eles exercitem as possibilidades de expressão, para que, no futuro se tornem líderes.

Soares (2011, p. 45) ressalta ainda que a educomunicação, enquanto eixo transversal ao currículo traz “a perspectiva da educação para a vida, do sabor da convivência, da construção da democracia, da valorização dos sujeitos”, possibilitando a renovação da educação, e o crescimento dos estudantes. Assim, a educação contextualizada e a educomunicação objetivam, nesta pesquisa, investigar as possibilidades do uso da fotografia como metodologia didática entre os estudantes de ensino médio do C.E.H.L, na (re) construção da representação social do semiárido brasileiro, em Juazeiro.

Com as oficinas educacionais sobre fotografia, que irão além das noções básicas de enquadramento, foco e luz, buscaremos provocar os participantes a observar que uma foto é muito mais que apenas técnica, ela necessita de objetividade e olhar sensível. As saídas fotográficas, nas quais os estudantes visitarão quatro pontos específicos da cidade: Centro/Orla, bairro Quidé, (zona urbana); Massaroca e Salitre (zona rural), onde os sujeitos produzirão sentidos, por meio das imagens capturadas, as quais, o observador poderá fazer as diversas interpretações sobre o que foi retratado, será exercitada a perspectiva da construção de novos olhares sobre o semiárido brasileiro e a culminância deste trabalho será uma exposição fotográfica, apresentando uma nova representação social do semiárido brasileiro, a partir dos olhares estudantis.

Considerações Finais

Nossa pesquisa de mestrado, que se encontra em andamento, destaca-se por apresentar a fotografia como metodologia didática e elemento emancipador (FREIRE,

1996), no ambiente escolar. A ideia é promover o diálogo entre a educomunicação e a educação contextualizada, através do uso da fotografia como instrumento didático, corroborando também para a (re)construção das representações sociais sobre o semiárido brasileiro e abrir espaço para novas discussões e reflexões a respeito do local onde os sujeitos vivem.

Este estudo também demonstrará o poder da fotografia enquanto mídia difusora de conhecimento, interferindo na vida social, constituindo novos valores e significados. Elucidará como as imagens podem ser propulsoras de novos olhares, revelando enquadramentos distintos da RS que foi imposta politicamente para essa região nordestina, e destacando cenários antes despercebidos.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ASA. **Articulação no Semiárido Brasileiro**. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia>. Acesso em: 04 abr. 2016.

BARROS, Ana Taís Matins Portanova. Fotografia, olho do Pai. In: **Fotografia: usos, repercussões e reflexões**. Londrina: Midiograf, 2014.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRASIL. MDA. Ministério do Desenvolvimento Agrário/Secretaria de Desenvolvimento Territorial/Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada/Fórum do Território Sertão do São Francisco. **Plano territorial de desenvolvimento rural sustentável do sertão do São Francisco**. Brasília, 2008.

BUENO, André. Cedeca Interlagos: fotografia e educomunicação para o desenvolvimento humano. In: **Revista Comunicação e Educação**. n 1, 2013. Disponível em: <http://revistas.usp.br/comueduc/article/view/69253/71712>. Acesso em: 22 mai. 2016.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência: novas territorialidades no semiárido brasileiro**. Jundiaí: Paco Editora, 2012.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução: APPENZELLER, Marina 8ª edição. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia**- Para uma filosofia da técnica.

GOMES, Antenor Rita; SILVA, Núbia Oliveira. **Fotografia: o transversal e a educação**. In: IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem, Londrina-PR, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Antenor%20Rita%20Gomes.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2015.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 17-45.

MOSCOVICI, Serge. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: **As representações sociais**, Denise Jodelet, organizadora. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 45-67.

PINA, Helena Figueiredo. **Deco-identidades: a composição da aparência como expressão da identidade pessoal**. Disponível em: <<http://www.retrievo.pt/record?id=oai:repositorio.ipl.pt:10400.21/837>> Acesso em 14 de Nov. de 2014.

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação do Campo: escola, currículo e contexto**. Juazeiro-Bahia. ADAC/UNEB-DCH-III/NEPEC-SAB, 2011.

SANTANA, Deisihany Armelin; MOURA, Jeane Delgado Paschoal. **A fotografia como instrumento para a consciência socioambiental**. In: I Jornada de didática: o ensino como foco, 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/A%20FOTOGRAFIA%20COMO%20INSTRUMENTO.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2016.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A teoria das representações sociais. In: **Diálogos com a teoria da representação social**/ Maria de Fátima Souza Santos, Leda Maria de Almeida-organizadoras. Ed Universitária da UFPE, 2005.